

LATIM ORAL – conceitos e características (pto 4)

Referências Bibliográficas

AUERBACH, E. Introdução aos estudos literários. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA NETO, S. *Fontes do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MAURER, JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras*. São Paulo: Globo, 2004.

VIDOS, B. E. *Manual de lingüística românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

0 Introdução

É o uso de uma língua, com todas as possibilidades de variação, que dá origem ao que se denomina os registros. No caso do latim, uma língua falada em uma época pretérita, a partir do que nos deixaram os gramáticos e escritores, percebemos muitas variedades, o sermo *sermo litterarius ou classicus*, o *sermo urbanus* e o *sermo plebeius*, este apresenta o *sermo rusticus, castrensis e peregrinus*.

A língua latina era falada no Lácio (Latium) região da Itália Central, onde, em meados do séc. VIII a.C. foi fundada a cidade de Roma. Havia uma estreita semelhança entre o latim e outras línguas da Península Itálica, a saber o osco, língua do Sâmnio e da Campânia, o sabélico, o volsco, o umbro e o falisco, daí pertencerem a um mesmo grupo, o Itálico. No curso do seu desenvolvimento, a cidade de Roma adquiriu hegemonia sobre todos os povos que habitavam a Itália, havia ao sul as colônias gregas; ao norte de Roma, os etruscos e no Vale do Pó, ao norte da Península Itálica, os celtas ou gauleses, na atual Veneza, os paleovênets, em Gênova, os lígures e em parte da atual Lombardia e no Trento, os réticos. Já na primeira metade do séc. III a.C., Roma dominava toda a Itália, com exceção do Vale do Pó, esse período expansionista é denominado Imperialismo Romano.

É o *sermo plebeius*, uma língua de carácter eminentemente oral, inicialmente falada no Lácio, séc. VIII a.C., que depois se expande pelo mundo. Ao se propagar pelo mundo e incorporar várias culturas, essa língua ampliou o seu acervo.

1 Conceitos

Vejam os a conceituação de latim na modalidade oral, segundo os estudiosos do assunto. Silva Neto (1946: 34) considera esta variedade o latim das baixas camadas da população, dos escravos e o considera como um dos matizes da língua corrente. Para Maurer Jr (1962:54) “a língua vulgar é *sermo plebeius ou rusticus*, era a língua do povo, da plebe romana.” Auerbach (1972: 49) informa que a expressão latim vulgar foi utilizada na baixa Antigüidade e nos primeiros séculos da Idade Média, designava-se a linguagem do povo (...).” Vidos (1996: 164) classifica de latim vulgar “uma representação escrita contida em textos latinos nos quais aparecem vulgarismos, ou seja, em que aparece o latim falado.” Bassetto (2001: 92) o define como “um *sermo plebeius* e que se distingue conforme o modo de vida dos falantes, a saber, *sermo rusticus, castrensis, peregrinus*.” Os estudiosos, que se dedicaram em conceituar essa modalidade de língua, costumam divergir quanto à abrangência do termo, entretanto, estão em consonância ao classificá-lo como uma língua falada. É o latim vulgar, portanto, uma variante informal do latim, falado pela camada popular da sociedade romana.

2 Características

Foi essa a modalidade de língua levada às diversas regiões por onde passaram os romanos e, que a partir da fragmentação política do Império, resultou nas línguas românicas. Costumam os romanistas fixarem uma cronologia para a formação do latim oral e para a sua transformação em romance. Razões históricas permeiam essa datação, pois as mudanças lingüísticas acontecem lentamente e os documentos literários apenas revelam pouco dessa variedade. Como data inicial, toma-se o séc. III a.C., entre 250 e 200, devido ao sucesso do expansionismo na Itália e as assimilações de novas culturas, que possivelmente influenciaram a plebe romana (Maurer Jr: 1962: 59). Segundo Maurer Jr (1962: 59) “era o início de uma grande revolução lingüística destinada a transformar muito do sistema flexional herdado do indo-europeu.” O séc. V d.C. foi o escolhido por razões históricas, devido a completa fragmentação do Império Romano. Vê-se no *Appendix Probi*, documento escrito provavelmente no séc. III d.C., ocorrências dessa língua popular, por exemplo, o *sermo vulgaris: speculum* em vez de *speculum*. Verifica-se nessa evolução a tendência da síncope da vogal postônica, fato

que irá mais tarde influenciar algumas regiões, precisamente, a România Ocidental, separando assim zona que realizaria a síncope e produziria as palavras paroxítonas da zona que não produziu a síncope e manteve as palavras proparoxítonas na România Oriental. Verifica-se nesta variedade a tendência em se privilegiar o elemento intensivo do acento latino, em detrimento da quantidade das vogais, a saber breves e longas, presentes no latim clássico. Outras ocorrências dessa evolução podem ser exemplificadas em *masclus*, quando deveria ser *masculus*; *tabla* contra *tabula*; *calida* e não *calda*, entre outros (Silva Neto, 1946,140). Os estudos de documentos, que fornecem informações sobre o latim vulgar, assim como os estudos histórico-comparativos entre as línguas românicas possibilitam caracterizar aproximadamente o latim vulgar. Seguem-se abaixo algumas das características do latim vulgar em oposição ao latim clássico, este descrito por escritores e gramáticos. As considerações gerais descritas por romanistas, quais sejam Silva Neto (1946), Maurer Jr (1962), Bassetto (2001), acerca das transformações ocorridas no latim vulgar em oposição ao latim clássico podem ser assim explicitadas:

a) Simplificação da sua gramática.

Na **fonética**, por exemplo, o sistema vocálico do lat. clássico possuía cinco vogais, sendo que cada uma delas podia sofrer variação de quantidade, ou seja, a duração do tempo despendido em sua pronúnciação. Essas vogais se desdobravam em dez, que podiam ser longas ou breves. No latim vulgar, as distinções de quantidade vocálica aos poucos passaram para a distinção de abertura. A consequência desse fenômeno, foi a redução das dez vogais para sete. A evolução de *ũ* > [o] e *ĩ* > [e], denunciam a perda da quantidade para a distinção de abertura. Em latim clássico, os ditongos eram *ae*, *oe*, *au* (mais profícuo e mais resistente) e *eu* (raro), a tendência a se montogarem remonta ao latim vulgar, vejam-se em *celebs* (*caelebs*), *sepis* (*saepis*), *clostrum* (*claustrum*), (Coutinho, 1954, 106), *coda* (*cauda*) (Maurer Jr, 1962, 127).

Na **morfologia**, por exemplo, no que diz respeito aos numerais, o *sermo classicus* favorecia-se dos cardinais, ordinais, distributivos e multiplicativos. A língua vulgar conservou apenas os cardinais, apenas os primeiros ordinais e alguns distributivos. Dessa forma, em lat. clássico dizia-se (Maurer, 1951, 155), *hora secunda* (duas horas); *anno millesimo nongentesimo vicesimo quinto* (ano de 1925). Posteriormente, os ordinais foram reintroduzidos pelo latim medieval, por via erudita.

O latim clássico distinguia três gêneros para os substantivos, herdados do indo-europeu, a saber, masculino, feminino e neutro. O gênero neutro, entretanto, não

subsistiu no latim vulgar, que manteve somente os gêneros masculino e feminino. Segundo Silva Neto (1946, 163) “o gênero neutro pode se confundir com o masculino, como em *papauer* (n.) é masculino em Catão e Varrão; *guttur* (n.) é masculino em Névio, Lucílio e Varrão”.

No latim clássico, as classes nominais eram cinco, a primeira, com tema em –a; a segunda, com tema em –o; a terceira com temas em –i e terminados por consoante; a Quarta com tema em –u, a quinta com tema em –e. O latim vulgar perdeu essa estabilidade morfológica e fundiu a quarta declinação à segunda, devido às semelhanças das desinências, por exemplo, *lupus* (nom. sing. m., 2 decl.), *manus* (nom. sing., f., 4 decl.). A quinta declinação possuía nomes femininos, por isso se confundiu com a primeira declinação, havia entretanto, uma certa variação desde o latim literário, é o que demonstra o nome *dies* que era masculino e feminino.

b) O latim popular se tornou uma língua analítica em oposição ao latim clássico, que era uma língua sintética:

Pode-se dizer que a sintaxe do latim popular passa por intensa remodelação, aventa-se a possibilidade de causas fonéticas (Maurer: 1962) em que a debilidade das partes finais das palavras e alteração dos timbres vocálicos contribuíram para que o sistema sintético das flexões se modificasse em favor do sistema analítico. Desse modo, priorizou-se maior uso de preposições, pronomes e advérbios com o fim de estabelecer as relações entre os termos. As formas analíticas verbais foram as privilegiadas em detrimento das sintéticas, o futuro passa a ser expresso por perífrase com verbos auxiliares como *habeo* + infinitivo ou *volo* + infinitivo: *natare habeo* ou *natare volo*, este último presente no romeno; emprega-se o indicativo onde o latim clássico usava o subjuntivo, veja-se em (Bassetto, 2001: 94) *Quid debeo dicere?* (perífrase infinitivo + presente) por *Quid dicam?* (subj.).

c) Prioridade das formas concretas e expressivas em detrimento das abstratas

Segundo Maurer Jr (1962) e Bassetto (2001), notadamente é na sintaxe e no léxico que o latim popular demonstra preferência pelo caráter concreto que se encontram representados na sintaxe, por exemplo, na criação dos artigos definidos e indefinidos, embora se registre *ille* e *ipse* (ou variante **ipsus*), desde a fase arcaica, empregados como artigo definido e *unus*, como indefinido. Compare em Bassetto (2001: 95): *Sicut unus pater familias his de rebus loquor.* (Cícero, *De oratore*, I, 132 apud Bassetto, 2001, 95) (Falo sobre essas coisas como um pai de família). A raiz

coqu- (Viaro, 2004: 171) tem o significado concreto de ‘cozinhar, assar’ e para *praecocem* (raiz *coc-*) temos o significado abstrato ‘pronto antes do tempo’.

Feitas essas considerações, acerca das características do latim popular, não nos esqueçamos que uma língua oral possui como característica precípua a variabilidade contra a estabilidade de uma língua escrita. As características apontadas foram apenas para demonstrar as diferenças entre uma e outra variedade do latim, sem nenhum juízo de valor.

LATIM VULGAR – conceitos e características

- Língua latina:

falada no Lácio (Latium) região da Itália Central, onde, em meados do sec. VIII a.C. foi fundada a cidade de Roma.

- Grupo Itálico:

latim, osco, língua do Sâmnio e da Campânia, o sabélico, o volsco, o umbro e o falisco.

- *Sermo plebeius ou rusticus*:

língua de carácter eminentemente oral, inicialmente falada no Lácio, sec. VIII a.C., que depois se expande pelo mundo.

1. CONCEITO DE LATIM VULGAR

- Silva Neto (1946: 34):

“considera vulgar o latim das baixas camadas da população, dos escravos e o considera como um dos matizes da língua corrente.

- Maurer Jr (1962:54):

“a língua vulgar é *sermo plebeius ou rusticus*, era a língua do povo, da plebe romana.”

- Auerbach (1972: 49):

“a expressão latim vulgar foi utilizada na baixa Antigüidade e nos primeiros séculos da Idade Média, designava-se a linguagem do povo (...).”

- Vidos (1996: 164):

“uma representação escrita contida em textos latinos nos quais aparecem vulgarismos, ou seja, em que aparece o latim falado.”

- Bassetto (2001: 92):

“um *sermo plebeius* e que se distingue conforme o modo de vida dos falantes, a saber, *sermo rusticus, castrensis, peregrinus*.”

- Conclusão:

É o latim vulgar, portanto, uma variante informal do latim, falado pela camada popular da sociedade romana.

2. CARACTERÍSTICAS

- Data inicial:

Sec. VIII a.C., que devido ao sucesso do expansionismo na Itália e as assimilações de novas culturas, que possivelmente influenciaram a plebe romana.

- Fim:

O sec. V d.C. foi o escolhido por razões históricas: devido a completa fragmentação do Império romano.

Exemplos de Latim vulgar: *Appendix Probi: speculum* em vez de *speculum*; *masclus*, quando deveria ser *masculus*; *tabla* contra *tabula*; *calida* e não *calda*.

• 2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS FEITAS POR ROMANISTAS:

- Silva Neto (1946), Maurer Jr (1962), Bassetto (2001):

a) Simplificação da sua gramática:

• Fonética

Latim Clássico: cinco vogais, que se desdobravam em dez (longas ou breves)

Latim vulgar: as distinções de quantidade vocálica aos poucos passaram para a distinção de abertura; redução das dez vogais para sete.

• Morfologia

Latim Clássico: numerais: cardinais, ordinais, distributivos e multiplicativos. Ex: *hora secunda* (duas horas); *anno millesimo nongentesimo vicesimo quinto* (ano de 1925). Os ordinais foram introduzidos pelo latim medieval.

Latim vulgar: numerais: cardinais e apenas os primeiros ordinais e alguns distributivos.

Latim Clássico: três gêneros para os substantivos: masculino, feminino e neutro.

Latim vulgar: dois gêneros, masculino e feminino.

EX: *papauer* (n.) é masculino em Catão e Varrão;

guttur (n.) é masculino em Névio, Lucílio e Varrão (Silva Neto:1946, 163).

Latim Clássico: classes nominais : a primeira, com tema em –a; a segunda, com tema em –o, que em posição átona se transformava em –u(falar); a terceira com temas em –i e terminados por consoante; a quarta com tema em –u; a quinta com tema em –e.

Latim vulgar: perdeu essa estabilidade morfológica e fundiu a quarta declinação à segunda.

b) O latim vulgar se tornou uma língua analítica em oposição ao latim clássico, que era uma língua sintética:

- **Morfologia**

Latim clássico: formas verbais sintéticas

Latim vulgar: formas verbais analíticas.

Ex: *habeo* + infinitivo ou *volo* + infinitivo: *natare habeo* ou *natare volo*;

Quid debeo dicere? (perífrase infinitivo + presente) por *Quid dicam ?* (subj.).

c) Prioridade das formas concretas e expressivas em detrimento das abstratas

- **Sintaxe**

Criação dos artigos definidos e indefinidos:

Bassetto (2001: 95) : *Sicut unus pater familias his de rebus loquor.* (Cicero, *De oratore*, I, 132 apud Bassetto, 2001, 95) (Falo sobre essas coisas como um pai de família).

- **Léxico**

Viaro, 2004: 171:

Raiz *coqu-* (cozinhar, assar) com significação concreta deriva *praecocem* (precoce) (pronto antes do tempo) de significação abstrata.

Referências Bibliográficas

BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA NETO, S. *Fontes do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MAURER, JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras*. São Paulo: Globo, 2004.

VIDOS, B. E. *Manual de Lingüística Românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

LATIM VULGAR – conceitos e características (pto 4)

Referências Bibliográficas

AUERBACH, E. Introdução aos estudos literários. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA NETO, S. *Fontes do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MAURER, JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras*. São Paulo: Globo, 2004.

VIDOS, B. E. *Manual de lingüística românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

0 Introdução

É o uso de uma língua, com todas as possibilidades de variação, que dá origem ao que se denomina os registros. No caso do latim, uma língua falada em uma época pretérita, a partir do que nos deixaram os gramáticos e escritores, percebemos muitas variedades, o sermo *sermo litterarius ou classicus*, o *sermo urbanus* e o *sermo plebeius*.

A língua latina era falada no Lácio, região da Itália Central, onde, em meados do séc. VIII a.C. foi fundada a cidade de Roma. Havia uma estreita semelhança entre o latim e outras línguas da Península Itálica, a saber o osco, língua do Sâmnio e da Campânia, o sabélico, o volsco, o umbro e o falisco, daí pertencerem a um mesmo grupo, o Itálico. No curso do seu desenvolvimento, a cidade de Roma adquiriu hegemonia sobre todos os povos que habitavam a Itália. Já na primeira metade do séc. III a.C., Roma dominava toda a Itália, com exceção do Vale do Pó, esse período expansionista é denominado Imperialismo Romano.

É o *sermo plebeius*, uma língua de caráter eminentemente oral, inicialmente falada no Lácio, séc. VIII a.C. , que depois se expande pelo mundo. Ao se propagar pelo mundo e incorporar várias culturas, essa língua ampliou o seu acervo.

1 Conceitos

Vejamos a conceituação de latim vulgar, segundo os estudiosos do assunto. Silva Neto (1946: 34) considera vulgar o latim das baixas camadas da população, dos

escravos e o considera como um dos matizes da língua corrente. Para Maurer Jr (1962:54) “a língua vulgar é *sermo plebeius ou rusticus*, era a língua do povo, da plebe romana.” Auerbach (1972: 49) informa que a expressão latim vulgar foi utilizada na baixa Antigüidade e nos primeiros séculos da Idade Média, designava-se a linguagem do povo (...).” Vidos (1996: 164) classifica de latim vulgar “uma representação escrita contida em textos latinos nos quais aparecem vulgarismos, ou seja, em que aparece o latim falado.” Bassetto (2001: 92) o define como “um *sermo plebeius* e que se distingue conforme o modo de vida dos falantes, a saber, *sermo rusticus, castrensis, peregrinus*.” Os estudiosos, que se dedicaram em conceituar essa modalidade de língua, costumam divergir quanto à abrangência do termo, entretanto, estão em consonância ao classificá-lo como uma língua falada. É o latim vulgar, portanto, uma variante informal do latim, falado pela camada popular da sociedade romana.

2 Características

Foi essa a modalidade de língua levada às diversas regiões por onde passaram os romanos e, que a partir da fragmentação política do Império, resultou nas línguas românicas. Costumam os romanistas fixarem uma cronologia para a formação do latim vulgar e para a sua transformação em romance. Razões históricas fundamentam essa datação, pois as mudanças lingüísticas tendem a acontecer lentamente e os documentos literários revelam pouco dessa língua vulgar. Como data inicial, toma-se o séc. III a.C., entre 250 e 200, devido ao sucesso do expansionismo na Itália e as assimilações de novas culturas, que possivelmente influenciaram a plebe romana (Maurer Jr: 1962: 59). O séc. V d.C. foi o escolhido por razões históricas, devido a completa fragmentação do Império Romano. Podemos comprovar no *Appendix Probi*, documento escrito provavelmente no séc. III d.C., ocorrências dessa língua popular, por exemplo, latim vulgar: *speclum* em vez do clássico *speculum*. Verifica-se nessa evolução a tendência da síncope da vogal postônica, fato que irá mais tarde influenciar algumas regiões, precisamente, a România Ocidental, separando assim a zona que realizaria a síncope e produziria as palavras paroxítonas da zona que não produziu a síncope e manteve as palavras proparoxítonas na România Oriental. Verifica-se no latim vulgar a tendência em se privilegiar o elemento intensivo do acento latino, em detrimento da quantidade das vogais, a saber breves e longas, presentes no latim clássico. Outras ocorrências dessa evolução podem ser exemplificadas em *masclus*, quando deveria ser *masculus*; *tabla* contra *tabula*; entre outros (Silva Neto, 1946,140). Os estudos de documentos, que fornecem informações sobre o latim vulgar, assim como os estudos histórico-

comparativos entre as línguas românicas possibilitam caracterizar aproximadamente o latim vulgar. Seguem-se abaixo algumas das características do latim vulgar em oposição ao latim clássico, este descrito por escritores e gramáticos. As considerações gerais descritas por romanistas, quais sejam Silva Neto (1946), Maurer Jr (1962), Bassetto (2001), acerca das transformações ocorridas no latim vulgar em oposição ao latim clássico podem ser assim explicitadas:

a) Simplificação da sua gramática.

Na **fonética**, por exemplo, o sistema vocálico do lat. clássico possuía cinco vogais, sendo que cada uma delas podia sofrer variação de quantidade, ou seja, a duração do tempo despendido em sua pronúncia. Essas vogais se desdobravam em dez, que podiam ser longas ou breves. No latim vulgar, as distinções de quantidade vocálica aos poucos passaram para a distinção de abertura. A consequência desse fenômeno, foi a redução das dez vogais para sete. Vejam-se as seguintes ocorrências atestadas pelo *Appendix Probi* (Silva Neto, 1946, 153) *colu&mna* e não *colomna*, *i&mago* e não *emago*. A evolução de u > [o] e i > [e], denunciam a perda da quantidade para a distinção de abertura.

Na **morfologia**, por exemplo, o latim clássico distinguia três gêneros para os substantivos, herdados do indo-europeu, a saber, masculino, feminino e neutro. O gênero neutro, entretanto, não subsistiu no latim vulgar, que manteve somente os gêneros masculino e feminino. Segundo Silva Neto (1946, 163) “o gênero neutro pode confundir-se com o masculino, como em *papauer* (n.) é masculino em Catão e Varrão; *guttur* (n.) é masculino em Nêvio, Lucílio e Varrão”.

No latim clássico, as classes nominais eram cinco, a primeira, com tema em –a; a segunda, com tema em –o; a terceira com temas em –i e terminados por consoante; a Quarta com tema em –u, a quinta com tema em –e. O latim vulgar perdeu essa estabilidade morfológica e fundiu a quarta declinação à segunda, devido às semelhanças das desinências, por exemplo, *lupus* (nom. sing. m., 2 decl.), *manus* (nom. sing., f., 4 decl.). A quinta declinação possuía nomes femininos, por isso confundiu-se com a primeira declinação, havia, entretanto uma certa variação desde o latim literário, é o que demonstra o nome *dies* que era masculino e feminino.

b) O latim vulgar se tornou uma língua analítica em oposição ao latim clássico, que era uma língua sintética:

Pode-se dizer que a sintaxe do latim vulgar passa por intensa remodelação, aventa-se a possibilidade de causas fonéticas (Maurer: 1962) em que a debilidade das

partes finais das palavras e alteração dos timbres vocálicos contribuíram para que o sistema sintético das flexões se modificasse em favor do sistema analítico. Desse modo priorizou-se maior uso de preposições, pronomes e advérbios com o fim de estabelecer as relações entre os termos. As formas analíticas verbais foram as privilegiadas em detrimento das sintéticas, o futuro passa a ser expresso por perífrase com verbos auxiliares como *habeo* + infinitivo ou *volo* + infinitivo: *natare habeo* ou *natare volo*, este último presente no romeno; emprega-se o indicativo onde o latim clássico usava o subjuntivo, veja-se em (Bassetto, 2001: 94) *Quid debeo dicere?* (perífrase infinitivo + presente) por *Quid dicam?* (subj.).

c) Prioridade das formas concretas e expressivas em detrimento das abstratas

Segundo Maurer Jr (1962) e Bassetto (2001), notadamente é na sintaxe e no léxico que o latim vulgar demonstra preferência pelo caráter concreto que se encontram representados, por exemplo, na criação dos artigos definidos e indefinidos, embora se registre *ille* e *ipse* (ou variante **ipsus*), desde a fase arcaica, empregados como artigo definido e *unus*, como indefinido. Compare em Bassetto (2001: 95): *Sicut unus pater familias his de rebus loquor.* (Cícero, *De oratore*, I, 132 apud Bassetto, 2001, 95) (Falo sobre essas coisas como um pai de família). No léxico, por exemplo, a raiz *coqu-* (Viaro, 2004: 171) tem o significado concreto de ‘cozinhar, assar’ e para *praecocem* (raiz *coc-*) temos o significado abstrato ‘pronto antes do tempo’.

Feitas essas considerações, acerca das características do latim vulgar, não nos esqueçamos que uma língua oral possui como característica precípua a variabilidade contra a estabilidade de uma língua escrita. As características apontadas foram apenas para demonstrar as diferenças entre uma e outra variedade do latim, sem nenhum juízo de valor.